

DL 07.MAI 2001\*194092

*Marina Afonso Vieira*

*ALTO PAIVA*

*Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*

*Dissertação de Mestrado em Arqueologia Romana*



*Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra  
2000*

# Índice

<i>Introdução</i> .....	1
<i>1. Meio Natural</i>	
1.1. <i>Integração regional</i> .....	11
1.2. <i>Delimitação da área de estudo</i> .....	12
1.3. <i>Orogenia e Morfologia</i> .....	13
1.4. <i>Geologia</i> .....	15
1.5. <i>Hidrografia e Solos</i> .....	21
1.6. <i>Clima</i> .....	23
1.7. <i>Vegetação</i> .....	24
<i>2. Povoamento</i>	
2.1. <i>Considerações teóricas e metodológicas</i> .....	28
2.1.1. <i>Limitações da análise e fiabilidade dos dados</i> .....	28
2.1.2. <i>Representatividade</i> .....	30
2.1.3. <i>Cronologia e tipologia</i> .....	30
2.2. <i>Ocupação Pré-histórica</i> .....	33
2.3. <i>Classificação e terminologia</i> .....	38
2.4. <i>Vias</i> .....	43
2.5. <i>Espaço e habitat</i>	
2.5.1. <i>Povoamento anterior à romanização</i> .....	58
2.5.2. <i>Época romana</i> .....	65
2.5.2.1. <i>Contexto administrativo</i> .....	71
2.5.2.2. <i>Padrão de assentamento</i> .....	77
2.5.3. <i>Alta Idade Média</i>	
2.5.3.1. <i>Do século V ao século VIII</i> .....	101
2.5.3.2. <i>Do século VIII ao século XII</i> .....	118
<i>3. Considerações Finais</i> .....	158

*Bibliografia*

*Catálogo*

*Estampas*

*Mapa e Cartas*

## *Introdução*

O trabalho que apresentamos constitui uma leitura de uma paisagem arqueológica: a da região natural do Alto Paiva. Pretende-se, com ele, contribuir, através de um estudo à escala regional, para a progressão do conhecimento científico acerca das continuidades/rupturas que ocorreram na zona de entre Douro e Vouga, durante os períodos da romanização e da Alta Idade Média.

É objectivo deste trabalho delinear a evolução do povoamento na área em estudo, lançando as questões mais pertinentes e procurando algumas hipóteses explicativas. A veleidade de procurar respostas definitivas (será que existem?) não norteou esta pesquisa, mas espera-se lançar algumas pontes sólidas para futuras investigações, que virão reforçar ou refutar as ideias que hoje se apresentam.

A escolha da área de estudo decorrente desses objectivos, teve também em conta a situação concreta do espaço regional pelo qual optámos. Um factor atractivo presente no Alto Paiva é a fraca extensão dos aglomerados habitacionais (embora nos últimos decénios se verifique uma certa tendência para a fixação em áreas urbanas em detrimento das rurais) e o facto do desenvolvimento urbano-industrial também não ser expressivo. Sabendo-se que estes factores destroem ou mascaram os vestígios arqueológicos, considerou-se esta área como prioritária, uma vez que é importante agir antes que os mesmos desapareçam e antes que se apague definitivamente a sua memória<sup>1</sup>.

A paisagem não foi portanto, demasiadamente alterada no último século. Salvo raras excepções, não foram introduzidos modernos meios de exploração agrícola. Há

---

<sup>1</sup> Não é só nas áreas urbanas e peri-urbanas que os vestígios arqueológicos estão ameaçados. O abandono das actividades do sector primário pelas camadas mais jovens da população trará o obliuio dos locais arqueológicos observados pelos pastores e agricultores. Outro impacto será o avanço das áreas incultas que são rapidamente ocupadas por vegetação densa (giestas, silvas, tojos, fetos), impedindo que o arqueólogo perscrute o solo.

alguns decénios atrás, verificou-se o repovoamento das terras de “monte” com pinheiros<sup>2</sup>. Nos últimos anos, porém, incêndios de grandes proporções têm devastado os pinhais, pondo parte da serra de novo a descoberto. Claro que não por muito tempo, já que rapidamente proliferam giestais cerrados, embora no último decénio a tendência para substituir os pinhais queimados por castanheiros tenha vindo a aumentar, certamente por influência do incentivo governamental<sup>3</sup>.

O próprio rio Paiva não foi objecto de grandes alterações, sobretudo no seu curso superior, não se tendo aí verificado a construção de barragens, diques ou canalizações; também sabemos que os depósitos aluvionares são praticamente nulos<sup>4</sup>.

De um modo geral, pode-se dizer que a forte emigração e a imigração mantiveram uma paisagem tradicional de traços arcaizantes.

Depois de seleccionada a área de estudo procedeu-se à sua delimitação, ou seja, foram analisadas as entidades fisiográficas da região, procurando-se encontrar os limites naturais do curso superior do rio Paiva. Para os determinar foram examinadas cartas de várias escalas gráficas e de diferentes temas (topográficas, hidrográficas, geológicas), bem como a observação in loco. Esta matéria encontra-se desenvolvida em capítulo próprio.

A escolha de um âmbito temporal alargado –da romanização à Alta Idade Média– foi influenciada por vários factores. É, por um lado, uma cronologia aliciante por englobar dois períodos de transição, como foram a ocupação romana e a passagem para a Alta Idade Média. Como procuramos identificar processos de continuidade/ruptura este intervalo de

---

<sup>2</sup> No âmbito do plano de Povoamento Florestal de 1938, acção governamental que teve forte oposição popular (DAVEAU, 1987/1991: 1079), retratada por Aquilino Ribeiro no seu romance *Quando os lobos uivam*. Esta contestação deveu-se ao facto destes baldios serem aproveitados pela população para obter combustível e mato para servir de cama ao gado, para pasto do gado ovino e caprino e também para a produção de mel. Igualmente desempenhava um papel importante em termos económicos para as culturas episódicas de centeio, as “cavadas”, levadas a cabo pela comunidade depois de arrancada e queimada a vegetação espontânea (RIBEIRO, 1995:252-253).

O baldio era, portanto, um elemento essencial da actividade agrícola e pecuária de subsistência (MEDEIROS, 1995: 24).

<sup>3</sup> Acção apoiada pela União Europeia que visa substituir parte do pinheiro bravo pelo castanheiro.

<sup>4</sup> Vide infra a Caracterização Geográfica.

tempo parece ser ideal. Trata-se de um período que se caracteriza pela escassez, ou mesmo ausência de dados a seu respeito, sobretudo documentação escrita.<sup>5</sup> Assim, a Arqueologia, um pouco como sucede para períodos Pré e Proto-históricos, é um dos poucos meios que permite recuperar alguma informação<sup>6</sup>. Foram ainda consideradas razões de ordem prática, como a possibilidade de proceder à inventariação e prospecção de vestígios de época romana à alto-medieval com os mesmos meios.

Tal como em muitos outros locais da Europa a única aproximação ao povoamento das épocas romana e Alto medieval, a nível regional, é feita através dos estudos arqueológicos, já que as fontes escritas existentes são muitíssimo insuficientes, ou mesmo inexistentes.

Com base nos dados de povoamento reunidos é possível ter uma relação de sítios e núcleos de habitação que, acompanhada da correspondente representação cartográfica, tornará possível conhecer as particularidades de cada um dos momentos, rastrear as continuidades, rupturas e tentar apreender a realidade subjacente às estruturas detectadas.

Desde os anos 60/70 que a *New Archaeology* introduziu um certo espírito de aproximação à quantificação e aos métodos informáticos. Na sua busca de rigor, os arqueólogos começaram a explorar as potencialidades das aplicações informáticas da estatística; todavia, estas não deram uma resposta gráfica aos problemas colocados, pelo que o aparecimento dos S.I.G. (Sistemas de Informação Geográfica) representou um novo

---

<sup>5</sup> Esta observação é válida para toda a Europa, todavia no nosso país ainda nos encontramos numa fase embrionária da investigação. Os bons resultados da investigação em países como o Reino Unido, França e Itália deveriam dar-nos alento para iniciar a caminhada.

<sup>6</sup> -Como já foi assinalado por Georges Duby (1978: 15) há algumas dezenas de anos: ... *muito arriscada qualquer tentativa de fazer uma apreciação global. Queremos frisar desde já os estreitos limites do conhecimento histórico e o larguíssimo campo que é deixado à especulação.* No entanto não podemos baixar os braços, temos que trabalhar –ainda que cautelosamente– com os dados que o método arqueológico nos proporciona.

passo para a nascente *Landscape Archaeology*. Esta linha de investigação, plasmada como Arqueologia Espacial, é adoptada pelas diversas correntes da arqueologia (ESPIAGO e BAENA, 1999: 41-44).

Os anglo-saxónicos estabeleceram os mais importantes princípios e metodologias da Arqueologia Espacial, amplamente influenciada pela geografia (HODDER e HORTON, 1976; CLARKE, 1977). A par dos avanços neste novo rumo da Arqueologia, deram-se os primeiros passos na aplicação dos S.I.G. aos problemas próprios desta abordagem, fixando-se diferentes escalas de trabalho, ou seja, três níveis de análise, inicialmente definidos por Clarke e largamente aceites, que se escalonaram da seguinte forma: macro (ou regional), semimicro (ou local) e micro (ou individual) (ALCAZAR HERNÁNDEZ, 1998: 83; ESPIAGO e BAENA, 1999: 41-44).

À macroescala foram associados os polígonos de Thiessen, bem como a teoria dos lugares centrais, aplicada à arqueologia por Johnson na Mesopotâmia, com base no trabalho de geógrafos como Christaller (RENFREW e BAHN, 1996: 170-172; 192-193); este âmbito de análise procura estudar o porquê da distribuição espacial de um grupo de sítios e as relações existentes entre eles. Quando se pensa numa análise intermédia, não se pode esquecer a *site catchment analysis*, delineada por Higgs e Vita-Finzi (RENFREW e BAHN, 1996: 241-243): de forma genérica, pode ser definida como aquela que estuda a relação de um sítio com a exploração e transformação do meio, na área de que dispõe, podendo-se chegar a relacionar os recursos disponíveis com o tipo de subsistência que seria praticado. O mais reduzido nível de análise utiliza-se sobretudo ao nível do estudo de sítios arqueológicos e procura, a uma escala detalhada, compreender as relações existentes entre o material e as diversas estruturas exumadas, pretendendo definir o uso atribuído a cada uma das diversas áreas.

Nos últimos anos, tem-se vindo a impor uma nova nomenclatura para estudos espaciais: Arqueologia da Paisagem. Esta não pretende ser apenas uma mudança formal, mas sim uma novidade, todavia não existe como uma área do saber específica, nem sequer corresponde a um diferente objecto de estudo e reflexão<sup>7</sup> (Cfr. ORTEGA ORTEGA, 1998: 33-34). Sendo um tema multifacetado, tem atraído um grupo muito heterogéneo de investigadores<sup>8</sup>.

O princípio básico que norteia esta tendência de pesquisa é a diacronia, mas de forma não estática e sempre dando espessura também à sincronia; assim, procura-se ir além da morfologia e do registo material, tentando-se adoptar múltiplos ângulos de abordagem, tendo em conta os diversos elementos que emprestam especificidade à paisagem, sem esquecer o homem como personagem interventiva (OREJAS, 1998: 14-15).

Uma filiação nos *Annales* (de segunda geração) foi ensaiada por alguns autores desde meados dos anos oitenta<sup>9</sup>, tendo estes encontrado similitudes entre os objectivos da Arqueologia e dos *Annales* relativamente à investigação de processos de mudança de longa e média duração, as “conjunturas” de Braudel, a busca da história da multidão dos que foram excluídos dos documentos escritos (BARKER, 1995:2-3).

Existe, então, uma comunhão de perspectivas, que poderá permitir à Arqueologia da Paisagem encontrar o fundamento teórico de que necessita. Todavia, para ultrapassar as limitações há que procurar eliminar os pontos fracos, como o imobilismo, o quase

---

<sup>7</sup> A falta de definição desta linha de investigação, apesar da grande produtividade científica que nela se pode inscrever, está patente na diversidade terminológica que foi adquirindo ao longo dos anos e que acaba por servir de directriz a uma área sem metodologia própria (ORTEGA ORTEGA, 1998: 34).

<sup>8</sup> Foi precisamente como uma manifestação diversificada que Almudena Orejas o classificou, como produto de influências processuais e pós-processuais, tendo identificado e caracterizado quatro diferentes tendências predominantes, inserindo-se a própria autora dentro da que designou por “Visão sintética” (OREJAS, 1998: 10-15).

<sup>9</sup> Embora já desde os anos setenta surgissem estudos influenciados pelos *Annales*, não estavam teoricamente neles filiados, mas já buscavam um leque mais vasto de documentos, tendo assim surgindo a história da cultura material, sobretudo impulsionada por J.-M. Pesez. O movimento mais recente foi marcado pelo interesse da arqueologia britânica (nomes como Hodges, Bintliff, Knapp e Barker propuseram a adopção dos *Annales* pela arqueologia).

determinismo, com que por vezes se considera a paisagem. Não se pode esquecer os homens e há que os considerar como indivíduos do seu tempo<sup>10</sup> (BARKER, 1995: 3).

Os S.I.G. são uma ferramenta hoje indispensável para quem procura efectuar estudos no âmbito da Arqueologia da Paisagem. O grande dinamismo das equipas que trabalham com esta ferramenta tem vindo a fazer crescer a bibliografia disponível sobre a aplicação dos S.I.G. à análise da paisagem arqueológica<sup>11</sup>.

Também entre nós tem cada vez mais popularidade a abordagem espacial, embora ainda não tenhamos tido um debate idêntico ao europeu, tanto no plano teórico como no respeitante a questões de terminologia e metodologia. O trabalho ora apresentado procura adoptar os princípios gerais enunciados para a análise da paisagem arqueológica, procurando, contudo, contornar algumas contradições que lhe vêm sendo apontadas. A aplicação desta abordagem à região do Alto Paiva pretende tirar o máximo partido das suas potencialidades.

Neste ponto, parece ser importante definir os instrumentos de análise. Os S.I.G. podem ser definidos como uma ferramenta e esta tecnologia deve ser usada como tal para

---

<sup>10</sup> Desta forma procurando-se ultrapassar os problemas que surgem com a aplicação à Arqueologia [da Paisagem] de teorias procedentes da Geografia, que habitualmente procuram compreender realidades actuais, ou não muito recuadas no tempo. Georges Duby (1978: 15-16) alertava já para os perigos inerentes à aplicação de modelos baseados na economia moderna à Alta Idade Média. Mais recentemente e para um âmbito cronológico mais alargado –a antiguidade–, outros autores chamam à atenção para a interacção indivíduos/paisagem e para a necessidade de considerar os primeiros como homens imbuídos de uma racionalidade precapitalista (URBINA MARTÍNEZ, 1998: 148; OREJAS, 1998: 14).

<sup>11</sup> Um pouco por todo o mundo, e de forma extremamente ecléctica, têm vindo a ser efectuados estudos de Arqueologia da Paisagem, sobretudo com a ajuda dos S.I.G.. Para não ir mais longe, no país vizinho têm-se levado a cabo bastantes projectos, tanto de investigação como de gestão patrimonial, que se podem inserir nesta temática. É já incontornável a referência ao volume 19-10 da consagrada revista *Arqueologia Espacial*, dedicado à *Arqueologia del Paisaje*, tema do V Colóquio Internacional de Arqueologia Espacial, realizado em Teruel em 1998, onde está patente a heterogeneidade de visões agrupadas sob esse título e também a urgência de criação de uma “coluna vertebral” para estes estudos. Também recentemente a Universidade Autónoma de Madrid, que há muito desenvolve investigação nesse âmbito, publicou uma importante colectânea de artigos sob o título: *Los S.I.G. y el análisis espacial en Arqueología*. Estas edições mostram a dinâmica criada em torno do tema e de certa forma procuram fazer o ponto da situação, não deixando de mostrar os seus pontos fracos, contribuindo, desta forma, para o seu fortalecimento. Também não se pode deixar de referir o trabalho da equipa de Criado Boado, da Universidade de Santiago de Compostela, que tem contribuído grandemente para a divulgação desta abordagem (p. ex. CRIADO BOADO, 1991).



não se correr o risco de que se tornem uma finalidade *per se* (GONZÁLEZ PÉREZ, 1998: 75), meras «beautiful pictures», como alguém já disse, apenas para embelezar os artigos dos arqueólogos. Como utensílio que é, permite organizar correctamente, manipular, recuperar e analisar a informação geográfica contida num sistema (não se tratando simplesmente de cartografia assistida por computador). Permite ainda executar análises complexas dos elementos que são introduzidos no sistema, por forma a poder gerar-se nova informação através da identificação das relações espaciais existentes entre distintos dados geográficos (BLASCO e BAENA, 1993: 179-180)

Depois de se ter demarcado da área de estudo, a preocupação básica foi reunir toda a bibliografia disponível sobre os vestígios arqueológicos da zona, procurando-se recolher o máximo de informação possível. A toponímia interessante, do ponto de vista arqueológico, foi igualmente coligida a partir das cartas<sup>12</sup>. Após estes levantamentos, procedeu-se à elaboração de uma base de dados que permitisse não só organizar e melhor aceder aos elementos compilados, mas também coordená-los com aqueles que se iriam recolher no trabalho de campo.

O resultado da prospecção efectuada pode-se considerar como um primeiro catálogo que permite uma abordagem inicial à área em estudo, é um método que se pode incluir na chamada Arqueologia Extensiva, tal como é compreendida sobretudo por autores franceses e que tem vindo a ser utilizada com bons resultados pela arqueologia medieval (BAZZANA, 1994: 7-27; PÉSEZ, 1997: 86). Não é entendida como um recurso menos nobre, ou menos oneroso, face à escavação arqueológica, mas sim como um interesse pela arqueologia “off site” que permite ter um panorama mais alargado da realidade e que pode ser considerada como preliminar relativamente a métodos “mais duros”. Possibilita que no

---

<sup>12</sup> Carta Militar de Portugal à escala 1: 25 000.

futuro se tenha uma ideia mais clara dos locais onde será mais proveitoso proceder a escavações arqueológicas, para responder a questões amadurecidas e pertinentes.

Para detecção de vestígios arqueológicos à superfície do solo foi utilizado o método básico de prospecção de superfície, procurando-se identificar sítios enterrados através de sinais emergentes (FERDIÈRE, 1998: 9). A escassez dos recursos disponíveis não permitia pôr em prática uma prospecção de carácter sistemático<sup>13</sup>, a mais eficaz e a única que permite ter resultados verdadeiramente representativos dos antigos padrões de assentamento (KEAY, 1998: 191 e 201). Pela mesma razão se excluiu a teledetecção e fotointerpretação, bem como os métodos de detecção geoquímica e geofísica. Dados estes constrangimentos optou-se por efectuar um catálogo de sítios, utilizando a prospecção dirigida, tanto em termos cronológicos como em termos de paisagem. Durante os trabalhos de campo recorreu-se à Carta Militar de Portugal 1:25 000, uma vez que não se dispunha de cartografia mais detalhada.

Outras limitações poderão afectar os resultados de toda a prospecção de superfície (até a sistemática), como é o caso da “visibilidade” e da “perceptibilidade”. O primeiro factor depende da cobertura vegetal e das condições atmosféricas, razão por que é recomendável fazer trabalho de campo em distintas estações do ano. O último factor depende da probabilidade de que determinados vestígios materiais sejam visíveis à superfície. Assim, por exemplo, um assentamento humano ocupando vários hectares é de detecção mais fácil do que um casal isolado (RUIZ ZAPATERO e FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, 1993: 89).

Relativamente à superfície do solo cultivada, que representa hoje uma percentagem diminuta da superfície total do Alto Paiva, por um lado, era já característica da paisagem

---

<sup>13</sup> Para uma ideia dos recursos humanos e económicos necessários para pôr em prática prospecções sistemáticas, cfr. ALMAGRO-GORBEA e BENITO-LÓPEZ, 1993: 151-158; CRIADO BOADO, 1991: 61-62.

rural tradicional a reserva de um amplo sector para aproveitamento extensivo (o “monte”)<sup>14</sup> e, por outro, acentuou-se a tendência para o abandono dos campos por parte da população. Por isso, tanto a “visibilidade” como a “perceptibilidade” dos vestígios arqueológicos são cada vez mais reduzidas.

Mesmo no que respeita a campos cultivados há muitas dificuldades. Estes tanto podem ser muito reveladores, quando lavrados, como mostrarem-se qual autêntico tapete verde que inviabiliza a observação do solo, por exemplo quando se trata de “lameiros” (prados húmidos). A extensão dos vestígios pode alterar-se completamente, consoante a dimensão do terreno que se encontra cultivada. Foi interessante visitar certos sítios em diversas alturas do ano, ou em anos distintos, e verificar que a área de dispersão dos vestígios se poderia duplicar, uma vez que o campo deixado em pousio no ano anterior agora estava lavrado e permitia a observação da superfície do solo.

Um outro elemento que não é controlável é o próprio factor humano: o cansaço acaba por influir na detecção de sítios arqueológicos e na apreciação que se faz dos mesmos. Também é importante considerar que se deu um processo de aprendizagem e que a experiência tornou as prospecções mais rentáveis.

Para uma análise em diacronia e sincronia, optou-se por uma escala regional<sup>15</sup>, mas mantendo a flexibilidade necessária, permitindo uma alteração de escala quando considerado conveniente. Esta escala de análise arqueológica é considerada como a mais adequada para investigar relações de longo termo entre “estrutura” e “agentes” (BARKER, 1995: 3).

---

<sup>14</sup> Que não sendo explorado vai-se tornando o reino da vegetação espontânea. Acerca do aproveitamento destes recursos vide nota 2.

<sup>15</sup> Mesmo não sendo possível pôr em prática um tipo de investigação regional exemplar, como a efectuada no vale de Biferno (Molise, Itália) com direcção de Graeme Barker, fez-se esta escolha. Entre outras características modelares, o projecto *Mediterranean valley* utilizou uma metodologia integrada com o objectivo de se poderem comparar os dados de alteração do meio com os dados do processo de povoamento, estudando a mesma equipa geomorfologia, arqueologia e história (BARKER, 1995: 11).

Tendo em conta estas premissas partiu-se para a organização do S.I.G.. A nível de “software” recorreu-se ao programa Arc/View 3.1 da ESRI (*Environmental System Research Institute*), que correu num PC Pentium III 450Mhz com 128 Mb de memória RAM. A impressão dos mapas resultantes foi garantida por uma impressora HP Deskjet 1100 C. Foi utilizada como cartografia digital base a Carta Militar de Portugal à escala 1:250 000 (Folha 4) do IgeoE (Instituto Geográfico do Exército) no formato vectorial com projecção UTM (Datum Europeu).

Os elementos recolhidos (através da bibliografia e em campo) foram sendo armazenados numa base de dados (File Maker) que, pelas suas características não pôde ser directamente ligada ao Arc/View, a informação foi posteriormente transformada em formato Dbase IV e importada para o programa base de S.I.G., onde foi analisada em termos espaciais.

## *Bibliografia*

AA.VV. (1997) – *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*, Lisboa, Museu nacional de Arqueologia.

ALARCÃO, Jorge de (1976) – “Sobre a economia rural do Alentejo na época romana”, *Conimbriga*, 24, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 1-32.

ALARCÃO, Jorge de (1988<sup>a</sup>) – *Roman Portugal*, vol.II, Warminster.

ALARCÃO, Jorge de (1988<sup>b</sup>) – *O domínio romano em Portugal*, Lisboa.

ALARCÃO, Jorge de (1989) – “Geografia política e religiosa da civitas de Viseu”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu, pp. 305-314.

ALARCÃO, Jorge de (1990) – “O Domínio Romano”. In SERRÃO, Joel e MARQUES, A.H. de Oliveira (eds.), *Nova História de Portugal. I – Portugal, das origens à romanização*, Lisboa, Presença, pp. 343-489.

ALARCÃO, Jorge de (1992) – “A evolução da Cultura Castreja”, *Conimbriga* 31, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 39-71.

ALARCÃO, Jorge de (1996<sup>a</sup>) – “As origens do povoamento da região de Viseu”, *Conimbriga* 35, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 5-35.

ALARCÃO, Jorge de (1996<sup>b</sup>) – “O primeiro milénio a.C.”. In A.A.V.V. – *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 15-30.

ALARCÃO, Jorge de (1997) – “A tecnologia agrária romana”. In A.A.V.V. – *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*, Lisboa, Museu nacional de Arqueologia, pp. 137-148.

ALARCÃO, Jorge de (1998) – “A Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal”, *Conimbriga* 37, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 89-119.

ALARCÃO, Jorge de (1999) – “Os arredores das cidades romanas de Portugal”, *Archivo Español de Arqueología* 72, Madrid, CSIC, pp. 31-37.

ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert; MAYET, Françoise (1990) – *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*, Paris.

ALCAZAR HERNÁNDEZ, Eva María (1998) – “Un modelo de investigación histórica sobre el concejo de Jaén en la Baja Edad Media”, *Arqueología Espacial* 19-20 – *Arqueología del Paisaje*, Teruel, Instituto de Estudios Turolenses, pp. 79-89.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; BENITO-LÓPEZ, José Enrique (1993) – “Evaluación de rendimientos y optimización de resultados en prospección arqueológica: El Valle de Tajuña”, *Inventarios y cartas arqueológicas* [Soria 1991], Valladolid, pp. 151-158.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1996) – *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*, Porto. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1999) – “Lagares escavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2(2), Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 97-103.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1968) – *Vias medievais de entre Douro e Minho*. Dissertação para licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1978) – *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho. Desde as origens a 1220*, Porto. Trabalho complementar, para prestação de provas de doutoramento em História da Arte, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1993<sup>a</sup>) – “Arqueoloxía tardorromana e germánica no NW peninsular”, *Galicia: da romanidade á xermanización. Problemas históricos e culturais* [Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901-1973), Santiago de Compostela, Outubro de 1992], Santiago de Compostela, Instituto de Estudos Galegos “P. Sarmiento”–Museu do Pobo Galego–Universidade de Santiago de Compostela, pp. 191-200.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1993<sup>b</sup>) – “Castelos medievais do norte de Portugal”, *Conclusións das Primeras Xornadas Históricas e Arqueolóxicas da 'Marifia Lucense' Foz: a Frouxeira e o Mariscal Pardo de Cela* [13-14 e 27-28 de marzo de 1993], Lugo, Diputación Provincial, pp. 52-101.

ANTUNES, João M. Viana; BAÈRE, Pedro (1996) – “Sepulturas escavadas na rocha: conjunto de Quinta da Relva de Baixo (Longroiva-Meda)”, *Douro* 1, Porto, pp. 270-275.

AZEVEDO, R. (1954) – “A Inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire) - Documento musical único na Europa (Elementos para a sua interpretação)”, *Beira Alta* (1-2), Viseu, pp. 2-40.

AZEVEDO, Rui de (1963) – “Notas”, In *Documentos medievais portugueses*, tomo II, Lisboa, Academia Portuguesa da História, pp. 515-578.

BARKER, Graeme (1991) – “Approches to archaeological survey”. In BARKER, Graeme; LLOYD, John (eds.) - *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*, London, pp. 1-9.

BARKER, Graeme (ed.) (1995) – *A Mediterranean valley: landscape archaeology and Annales history in the Biferno valley*, London.

BARROCA, M. J. (1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*, Porto. Provas ECDU apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

- BARROCA, Mário Jorge (1991) - *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX-XII)*, Comissão Portuguesa de História Militar.
- BAZZANA, André (1994) - "Arqueología extensiva. Metodos y algunos resultados", *Paisajes rurales y paisajes urbanos: metodos de analisis en Historia Medieval*, Zaragoza, Universidad de Zaragoza, pp. 7-27.
- BAZZANA, André; GUICHARD, Pierre; SÉNAC, Philippe (1992) - "La frontière dans l'Espagne médiévale". In *Castrum 4, frontière et peuplement dans le monde méditerranéen au Moyen Âge*, École Française de Rome, Casa de Velásquez, Roma-Madrid, pp. 35-59.
- BEIRANTE, Maria Ângela (1993) - "A 'Reconquista' cristã". In SERRÃO, Joel e MARQUES, A.H. de Oliveira (eds.), *Nova História de Portugal. II - Portugal, das invasões germânicas à 'Reconquista'*, Lisboa, Presença, pp. 253-363.
- BELEZA, Avantino L. (1980/81) - *Levantamento Arqueológico de Vila Nova de Paiva*, Coimbra. Trabalho apresentado para a cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Texto Policopiado.
- BERNARDES, João Pedro (1996) - *A civitas de Collippo*, Ponta Delgada. Trabalho de síntese elaborado no âmbito das provas A.P.P.C., apresentado na Universidade dos Açores. Texto policopiado.
- BINTLIFF, John (1999) - "Settlement and territory". In BARKER, Graeme (ed.) - *Companion Encyclopedia of Archaeology*, London e New York, Routledge, pp. 505-545.
- BLASCO, M.<sup>a</sup> Concepción; BAENA, Fco. Javier (1993) - "Tratamiento de la información gráfica espacial", *Inventarios y cartas arqueológicas* [Soria 1991], Valladolid, pp. 179-189.
- CAAMAÑO GESTO, Manuel (1979) - "Alteraciones de las vías romanas y su difícil distinción com los caminos posteriores", *Bracara Augusta*, Braga, pp. 359-365.
- CABALLERO ZOREDA, Luis *et alii* (1982) - "Prensas romanas y datos sobre poblamientos romano y medieval en la provincia de Toledo", *Not. Arq. Hisp.* 14, Madrid, Ministerio de Cultura, pp. 379-433.
- CAMPOS, Correia (1972) - "À semelhança de *Scalabis*, a cidade romana de *Ierarbrica* não se situava nas margens do Tejo, mas no chamado monte do Senhor da Boa Morte, junto a Vila Franca de Xira", *Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, pp. 171-188.
- CAMPOS, J. A. Correia de (1972) - "À semelhança de *Scalabis*, a cidade romana de *Ierarbrica* não se situava ns margens do Tejo, mas no chamado monte do senhor da Boa Morte, junto a Vila Franca de Xira", *Vila Franca de Xira*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 171-188.
- CASTILLO, Alberto del (1972) - *Excavaciones Altomedievales en la Provincia de Sória, Logroño y Burgos*, EAE, 74, Madrid.

CHAPMAN, John; SHIEL, Robert (1991) – “Settlements, soils and societies in Dalmatia”. In BARKER, Graeme; LLOYD, John (eds.) - *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*, London, pp. 62-75.

CHAVES, Luís (1952) – “Estudos de toponímia portuguesa: influências militares na formação de topónimos”, separata da *Revista de Guimarães* 62, Guimarães, pp. 5-36.

CLARKE, D. L. (ed.) (1977) – *Spatial archaeology*, London, Academic Press.

COLARDELLE, Michel; DÉMIANS D'ARCHIMBAUD, Gabrielle; RAYNAUD, Claude (1996) – “Typo-chronologie des sépultures du Bas-Empire à la fin du Moyen-Âge dans le Sud-Est de la Gaule”. In GALINIÉ, Henri; ZADORA-RIO, Elisabeth (coords.) – *Archéologie du cimetière chrétien* [Actes du 2<sup>e</sup> Colloque A.R.C.H.E.A., Orléans], Tours, 11<sup>e</sup> supplément à la Revue Archéologique du Centre de la France, pp. 271-303.

CONDE, Manuel Sílvio Alves (1996) – *Tomar Medieval: o espaço e os homens*, Cascais, Patrimónia.

CONDE, Manuel Sílvio Alves (1999) – “Ocupação humana e polarização de um espaço rural do *Gharb al-Andalus*: o Médio Tejo à luz da toponímia arábica”, *Horizontes do Portugal Medieval: estudos históricos*, Cascais, Patrimónia, pp. 11-40.

CORDEIRO, A.M. Rochette (1990) – “Paleo-ambientes holocénicos e erosão: interface, clima, vegetação, homem. O exemplo do centro-litoral português”, *Cadernos de Geografia* 9, Coimbra, pp.61-79

CORREIA, Alberto (1976) – “Sepulturas cavadas em rocha no Concelho de Sernancelhe”, *Beira Alta* 35 (1), Viseu, pp. 93-135.

CORREIA, Alberto; ALVES, Alexandre; VAZ, J. Inês (1995) - *Castro Daire*, Castro Daire, Câmara Municipal de Castro Daire.

CORTES, Rafael (1994) – “Las obras hidráulicas medievales. Algunos aspectos técnicos”, *Paisajes rurales y paisajes urbanos: métodos de análisis en Historia Medieval* [Sesiones de trabajo III Seminario de Historia Medieval. *Aragon en la Edad Media*], Zaragoza, Universidad de Zaragoza, pp. 89-102.

CORTEZ, F. Russell (1945) – “Peça de ourivesaria visigótica de Vila Nova do Paiva”, *Beira Alta* 4 (2), Viseu, pp. 120-125.

CORTEZ, F. Russell (1945-46) – “Ponteira em ouro dum punhal visigótico de Vila-Nova de Paiva”, *Ampurias* 21, Barcelona, Diputación Provincial de Barcelona, pp.351-354.

CORTEZ, F. Russell (1952) – “O tesouro monetário do lugar do Poio”, *Nummus* 1 (1), Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática, pp. 14-15.

COSTA, Manuel Gonçalves da (1977) – *História do Bispado e da Cidade de Lamego I: Idade Média: A Mitra e o Município*, Lamego.



- COSTA, Manuel Gonçalves da (1979) – *História do Bispado e da Cidade de Lamego II: Idade Média: Paróquias e Conventos*, Lamego.
- COSTA, Manuel Gonçalves da (1985) – “O cristianismo nas terras do Demo”, *Beira Alta* 46 (3), Viseu, pp. 421-443.
- CRIADO BOADO, Felipe (dir.) (1991) – *Arqueología del Paisaje, el área Bocelo-Furelos entre los tiempos Paleolíticos y medievales*, A Coruña, Xunta de Galicia.
- CRUZ, António João Carvalho da (1986) – “Em torno das origens de Viseu”, *Beira Alta* 45 (1-2), Viseu, pp. 145-180.
- CRUZ, Domingos J. (1998) – “Expressões funerárias e cultuais no norte da Beira Alta”, *Estudos Pré-Históricos* 6, [CRUZ, Domingos J. (coord.) *Actas do Colóquio: A Pré-História na Beira Interior*, Tondela 1997], Viseu, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 149-166.
- CRUZ, Domingos, J.; CANHA, Alexandre J. F.C.C. (1997) – “Escavação arqueológica da mamoa 4 do ‘Rapadouro’ (Pendilhe, Vila Nova de paiva, Viseu)”, *Conimbriga* 36, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 5-26.
- CUNHA, Padre Donato da (1955) – “Queiriga e os seus minérios”, *Voz da Queiriga*, 25/12/1955, Queiriga, p. 2.
- CUNHA, Padre Donato da (1955) “sem título”, *Voz da Queiriga*, 29/10/1967, Queiriga, p. 3.
- CURADO, Fernando (1979) – “Epigrafia das Beiras”, *Conimbriga* 17, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp.139-148.
- CURADO, Fernando (1985) “Epigrafia das Beiras (notas e correcções 1)”, *Beira Alta* 44 (4), Viseu, pp. 641-655.
- CURADO, Fernando (1989) – “As inscrições indígenas de Lamas de Moledo (Castro Daire) e do Cabeço das Fráguas, Pousafoles (Sabugal): duas teogonias, diferente etnogénese?”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu, pp. 349-370.
- CURADO, Fernando Patrício (1996) – “As inscrições indígenas de Lamas de Moledo e Cabeço das Fráguas”. In A.A.V.V. – *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 154-159.
- D.M.P., D.R. : *Documentos Medievais Portugueses, Documentos Régios*, vol. 1, – *Documentos dos condes portugalenses e de D. Afonso Henriques*, A.D. 1095-1185, Lisboa, 1962.
- DAVEAU, Suzanne (1987-1991) – “As águas: comentários e actualização”; “A vegetação: comentários e actualização”. In RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman – *Geografia de Portugal*, vol. II. Comentários e actualizações de Suzanne Daveau, Lisboa, Ed. João Sá da Costa, pp. 487-535; 585-603.

DAVID, Pierre (1947) – “Le sanctoral hispanique et les patrons d’églises entre le Minho et le Mondego du IX<sup>e</sup> au XI<sup>e</sup> siècle”, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle*, Institut Français au Portugal e Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos da Faculdade de Letras de Coimbra, Paris e Lisboa, pp. 185-256.

DIAS, Jorge (1982) – *Os arados portugueses e suas prováveis origens*, 2<sup>a</sup> ed., Lisboa.

DIAS, Lino Tavares (1996) – “Contributo para a análise do ordenamento romano”, *Douro* 1 (2), Porto, pp. 31-56.

DÍAZ MARTÍNEZ, Pablo C. (1993) – “El alcance de la ocupación sueva de *Gallaecia* y el problema de la germanización”, *Galia: da romanidade á xermanización. Problemas históricos e culturais* [Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901-1973), Santiago de Compostela, Outubro de 1992], Santiago de Compostela, Instituto de Estudos Galegos “P. Sarmiento”–Museu do Pobo Galego–Universidade de Santiago de Compostela, pp. 209-226.

DÍAZ MARTÍNEZ, Pablo C. (1994) – “Propiedad y explotación de la tierra en la Lusitania tardoantigua”, In GORGES, J.-G.; SALINAS DE FRÍAS, M. (eds.) – *Les campagnes de Lusitanie romaine*, Madrid-Salamanca, Casa de Velásquez, Ed. Universidad Salamanca, pp. 297-311.

DOMINGUES, José Garcia (1997) – “Invasão e conquista da Lusitânia por Muça Ben Noçair e seu filho Abdalaziz”, *Portugal e o al-Andalus*, Lisboa, Hugin, pp. 51-64.

DUARTE, Luís Miguel (1995) – “A actividade mineira em Portugal durante a Idade Média”, separata da *Revista da Faculdade de Letras*, 2<sup>a</sup> sér., 12, Porto, pp. 75-111.

DUBY, Georges (1978) – *Guerreiros e camponeses. Os primórdios do crescimento económico europeu séc. VII – XII*, Lisboa, Estampa.

ENCARNAÇÃO, José de (1989) – “Indigenismo e Romanização na Epigrafia de Viseu”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu, pp. 315-324.

ENCARNAÇÃO, José de (1993) – “A propósito de ‘religiões pré-romanas’”, *Aurea Saecula* 10, pp. 129-138.

ENCARNAÇÃO, José de (1998) – “La fascination des divinités indigènes”, *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, Minerva, pp. 89-100.

EQUIPA TÉCNICA DO PDAR (1991) – *PDAR Baixo Dão-Lafões*, Viseu. Relatório apresentado ao Ministério da Agricultura.

ESPIAGO, Javier; BAENA, Javier (1999) – “Los sistemas de información geográfica como tecnología informática aplicada a la arqueología y a la gestión del patrimonio”. In BAENA, Javier; BLASCO, Concepción; QUESADA, Fernando (eds.) - *Los S.I.G. y el análisis espacial en Arqueología*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, pp. 7-65.

ESTEPA DIEZ, Carlos (1998) – "Comunidades de aldea y formación del feudalismo. Revisión de la cuestión y perspectivas", HIDALGO, M.<sup>a</sup> José; PÉREZ, Dionisio; GERVÁS, Manuel J. R. (eds.) – '*Romanización*' y '*Reconquista*' en la *Península Ibérica: nuevas perspectivas*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 271-282.

FELGUEIRAS, Octávio Lixa (1963) – "Entre normandos e árabes, nas margens do Douro", sep. *Studium Generale* 10, Porto.

FELGUEIRAS, Octávio Lixa (1979) – "A presumptive germanic heritage on a Portuguese boat-building tradition", *Actas do II Simpósio Internacional de Arqueologia Naval*, Greenwich.

FELGUEIRAS, Octávio Lixa (1980) – "Barcos de pesca de Portugal", sep. *Revista da Universidade de Coimbra* 28, Coimbra, pp. 343-426.

FERDIÈRE, Alain (dir.) (1998) - *La Prospection*, Paris, Errance.

FERNANDES, A. Almeida (1989) – "A toponímia da Beira Alta no 'Dicionário Onomástico e Etimológico' de José Pedro Machado", *Beira Alta* 48 (3-4), Viseu, pp. 357-386.

FERNANDES, A. Almeida (1997) – *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*, Arouca, Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.

FERNANDES, L. (1997) - A estrutura da Família Indígena das Inscrições romanas do Distrito de Viseu", *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Amigos da Beira, pp. 91-98.

FERREIRA, A. B. (1978): *Planaltos e montanhas do norte da Beira, estudo de geomorfologia*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos 4, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

FERREIRA, Narciso; SOUSA, M. Bernardo de (1994) – "Notícia explicativa da folha 14 – B Moimenta da Beira", *Carta Geológica de Portugal Escala 1/50 000*, Lisboa, Departamento de Geologia do Instituto Geológico e Mineiro.

FIGUEIRAL, Isabel (1993) – "Charcoal analysis and the vegetation evolution of north-west Portugal", *Oxford Journal of Archaeology* 12 (1), Oxford, Blackwell, pp. 209-222.

FIGUEIRAL, Isabel (1995) – "Charcoal analysis and the history of *Pinus pinaster* (cluster pine) in Portugal", *Review of Paleobotany and Palinology* 89, Netherlands, Elsevier, pp. 441-454.

FIGUEIREDO, Moreira de (1952) – "Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras", *Beira Alta* 11 (4), Viseu, pp. 299-230.

FIGUEIREDO, Moreira de (1953) – "Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras", *Beira Alta* 12 (1) e 12 (2-3), Viseu, pp. 27-63; 153-206.

FONTE, Leonor Pereira Barata (1997) – “Levantamento bibliográfico sobre as vias romanas do distrito de Viseu”, *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Amigos da Beira, pp. 99-105.

FREUND, Bodo (1974) – “L'ancien cadastre de Vilaça, etude méthodique sur l'évolution du village du nord du Portugal”, *Finisterra* 9, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp. 51-74.

GAMA, Fonseca da C. M. (1940) – *Terras do Alto Paiva. Memória histórico-geográfica e etnográfica do concelho de Vila Nova de Paiva*, Lamego.

GARCÍA DE CORTÁZAR, José Angel (1988) – “La progresión cristiana hasta el Duero. Repoblación y organización social del espacio en el valle del Duero en los siglos VIII a XII”, in: *España. Al Andalus, Sefarad: síntesis y nuevas perspectivas*, Salamanca, pp. 23-35.

GARCÍA DE CORTÁZAR, José Angel (1995) – “Las formas de organización social del espacio del valles del Duero en la Alta Edad Media: de la espontaneidad al control feudal, *Despoblación y colonización del valle del Duero, siglos VIII-XX*, [IV Congreso de Estudios Medievales], Leon, Fundación Sánchez-Albornoz, pp. 16-32.

GIRÃO, Aristides de Amorim (1960) - *Geografia de Portugal*, Porto, Portucalense Editora.

GONZÁLEZ PÉREZ, César A. (1998) – “Gis, Arqueología y Paisaje: Una crítica constructiva”, *Arqueología Espacial 19-20 – Arqueología del Paisaje*, Teruel, Instituto de Estudios Turolenses, pp. 71-77.

GUIA, A. Bento (1984) – *Os oito concelhos de Moimenta da Beira*, Moimenta da Beira, Câmara Municipal de Moimenta da Beira.

GUIA, A. Bento (1997) – *As vinte freguesias de Moimenta da Beira*, 2ª ed., Moimenta da Beira, Câmara Municipal de Moimenta da Beira.

GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino (1996) – “El paramo leonés. Entre la antigüedad y la Alta Edad Media”, *Studia Historica – Historia Medieval* 14, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 47-96.

HIPÓLITO, Mário de Castro (1960-61) – “Dos tesouros de moedas romanas em Portugal”, *Conimbriga* 2-3, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 1-166.

HODDER, Ian; ORTON, Clive (1976) – *Spatial analysis in archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press. [Trad. Esp. 1990 - *Análisis espacial en arqueología*, Barcelona, Crítica].

KEAY, Simón G. (1993) – “El papel de la prospección de campo en la arqueología británica”, *Inventarios y cartas arqueológicas* [Soria 1991], Valladolid, pp. 191-205.

- LAUTENSACH, Herman (1987-94) – “Os rios e os processos de erosão”. In RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman – *Geografia de Portugal*, vol. II. Comentários e actualizações de Suzanne Daveau, Lisboa, Ed. João Sá da Costa, pp. 467-481.
- LE GOFF, Jacques (1993) – *O nascimento do Purgatório*, Lisboa, Estampa.
- LE GOFF, Jacques (1994) – “O tempo do Purgatório”, *O imaginário medieval*, Lisboa, Estampa.
- LE ROUX, Patrick (1994) – “*Vicus et castellum* en Lusitanie sous l’Empire”, In GORGES, J.-G.; SALINAS DE FRÍAS, M. (eds.) – *Les campagnes de Lusitanie romaine*, Madrid-Salamanca, Casa de Velásquez, Ed. Universidad Salamanca, pp. 151-160.
- LEGUAY, Jean-Pierre (1993) – “O ‘Portugal’ germânico”. In MARQUES, A.H. OLIVEIRA (coord.) – *Nova História de Portugal*, vol. 2: *Portugal das invasões germânicas à “Reconquista”*, Lisboa, Presença, pp. 11-115.
- LE MOS, Francisco de Sande (1993) – *O povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Braga. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho. Texto policopiado.
- LOPES SÁEZ, J.A. *et al.* (no prelo) – “Paleovegetação e Impacto Humano durante A Pré-história Recente na Beira Alta: Palinologia do Povoado do Bronze Final de Canedotes (Vila Nova De Paiva, Viseu)”.
- LUSITANO, Celtibero (1991) – *Arqueologia*, Lisboa, ed. do autor.
- LUSITANUS, Celtibero (1974) – “Em terras da Lusitânia”, *Beira Alta* 33 (2), Viseu, pp. 241-263.
- LUSITANUS, Celtibero (1975) – “Em terras da Lusitânia”, *Beira Alta* 34 (1), Viseu, pp. 89-101.
- LUSITANUS, Celtibero (1978) – “Em terras da Lusitânia”, *Beira Alta* 38 (4), Viseu, pp. 869-881.
- LUSITANUS, Celtibero (1980) – “Em terras da Lusitânia”, *Beira Alta* 39 (3-4), Viseu, pp. 241-263.
- MACHADO, José Pedro (1977) – *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 5 vols. 3ª ed., Lisboa, Horizonte.
- MANTAS, Vasco Gil (1987) – “Implantação rural em torno da villa de S. Cucufate”, *Arquivo de Beja* 3, 2ª série, Beja, pp. 199-214.
- MANTAS, Vasco Gil (1996) – “Teledetecção, cidade e território: Pax iulia”, *Arquivo de Beja* 1, 3ª série, pp. 5-30.

MANTAS, Vasco Gil (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, Coimbra. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Texto policopiado.

MANTAS, Vasco Gil; SILLIÈRES, Pierre (1990) – “Apports et limites de la prospection archéologique”. In ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (dirs.) – *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris, De Boccard, pp. 149-160.

MANZANO MORENO, E. (1991) – *La frontera de al-Andalus en época de los Omeyas*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

MARAZZI, Federico (1995) – “El ‘incastellamento’ veinte años después: observaciones de la generación post-toubertiana”, *Studia Historica – Historia Medieval* 13, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 187-198.

MARQUES, A.H. de Oliveira (1993) – “O ‘Portugal’ islâmico”. In SERRÃO, Joel e MARQUES, A.H. de Oliveira (eds.), *Nova História de Portugal. II – Portugal, das invasões germânicas à ‘Reconquista’*, Lisboa, Presença, pp. 121-249.

MARQUES, J. Adolfo M. (1992) – “Notas Arqueológicas do concelho de Vila Nova de Paiva”, *Beira Alta* 51(3-4), Viseu, pp. 359-383.

MARQUES, J. Adolfo M. (1995) – *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*, Porto. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

MARQUES, Jorge Adolfo M. (1996) – “Contributo para o estudo do povoamento da região de Viseu na Alta Idade Média”, *Máthesis* 5, Viseu, pp. 205-211.

MARTINS, Manuela (1995) – “A ocupação romana da região de Braga: balanço e perspectivas de investigação”, *Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 anos do nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, pp. 73-114.

MATEOS CRUZ, Pedro (1995) – “La cristianización de la Lusitania (ss. IV-VII): Extremadura en época visigoda”, *Extremadura Arqueologica* 4, Madrid, pp. 239-263.

MATTOSO, José (1981) – “A nobreza portugalense dos séculos IX a XI”, *A nobreza medieval portuguesa. A família e o poder*, Lisboa, 1981.

MATTOSO, José (1988) – *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal. 1096-1325*, vol. I – *Oposição*, 3.ª ed., Lisboa.

MATTOSO, José (1992<sup>a</sup>) – “A época sueva e visigótica”, “Portugal no reino asturiano-leonês”. In MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*, vol. 1 – *Antes de Portugal*, pp. 300-359; 439-565.

MATTOSO, José (1992<sup>b</sup>) – “S. Martinho de Dume e as correntes monásticas da sua época”, *Portugal medieval: Novas Interpretações*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 77-86.

MATTOSO, José (1997) – “Eremitas portugueses no século XII”, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 103-145.

MATTOSO, José (dir.) (1995) - *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*, Lisboa, João Sá da Costa.

MEDEIROS, Carlos Alberto (1985) “*Terras do Demo* aspectos geográficos”, *Beira Alta* 44 (3), Viseu, pp. 371-387.

MINGOTE CALDERÓN, José Luis (1996) - *Tecnología Agrícola Medieval en España*, Madrid, Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación.

MOLINA, Luis (1983) – *Una descripción anónima de Al-Andalus*, Madrid, CSIC, pp. 196-205.

OLIVEIRA, Francisco (1993) – “A imagem da Hispânia em Plínio-o-Antigo”, *Actas II Congresso Peninsular de História Antiga*, Coimbra, pp. 97-109.

OLIVEIRA, Luís Filipe Simões Dias de (1999) – *A Casa dos Coutinhos. Linhagem, espaço e poder (1360-1452)*, Cascais, Patrimónia.

OLMO ENCISO, Lauro (1986) – “Arquitectura religiosa y organización litúrgica en época visigoda. La basílica de Recópolis”, *Arch. Esp. De Arq.* 61, Madrid, CSIC, pp. 155-178.

ORTEGA ORTEGA, Julián M. (1998) – “De la arqueología espacial a la arqueología del paisaje: ¿Es *Annales* la solución?”, *Arqueología Espacial 19-20 – Arqueología del Paisaje*, Teruel, Instituto de Estudios Turolenses, pp. 33-51.

P.M.H., D.C.: *Portugaliæ Monumenta Historica, Diplomatae et Chartae*, Lisboa, 1867 e ss.

PALLÁRES MÉNDEZ, M.ª C.; PORTELA SILVA, E. (1975) – “Aproximación al estudio de las explotaciones agrarias en Galicia en los siglos IX-XII”, *Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciências Históricas, II História Medieval*, Santiago de Compostela, pp. 45-113.

PASTOR DÍAZ DE GARAYO, E. (1996) - *Castilla en el tránsito de la antigüedad al feudalismo. Poblamiento, poder político y estructura social del Arlanza al Duero (siglos VII-XI)*, Valladolid, Junta de Castilla y León.

PATTERSON, John (1991) – “Agrarian structure – the uplands and margins”, In BARKER, Graeme; LLOYD, John (eds.) - *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*, London, pp. 177-179.

PAXTON, Frederick S. (1990) - *Christianizing Death*, Nova Iorque, Cornell University Press.

PEDRO, Ivone (1995) - *O povoamento proto-histórico na região de Viseu*, Porto. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

PÉREZ DE URBEL, Fray Justo (1971) - "Los primeros siglos de la Reconquista (años 711-1038)", In MENÉNDEZ PIDAL, Ramón - *Historia de España*, tomo VI - *Los comienzos de la Reconquista*, Madrid, Espasa-Calpe, pp. 3- 348.

PÉREZ LOSADA, Fermín (1996) - "Hacia una definición de los asentamientos rurales en la *Gallaecia*: poblados (*vici*) y casas de campo (*villae*)", *Los Finisterres Atlánticos en la Antigüedad, época prerromana y romana*, Madrid, Ayuntamiento de Gijón e Electa, pp. 189-197.

PREVOSTI, Marta (1991) - "The establishment of the villa system in the Maresme (Catalonia) and its development in the roman period". In BARKER, Graeme; LLOYD, John (eds.) - *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*, London, pp. 135-141.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul (1996) - *Archaeology, theories, methods and practice*, 2ª ed., London, Thames and Hudson.

RIBEIRO, O. (1991) - "Dois estudos de geografia agrária da Beira Baixa", *Opúsculos Geográficos. IV - O mundo rural*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 215-245.

RIBEIRO, O. (1995) - *Opúsculos Geográficos. VI - Estudos Regionais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando (1995) - "L'occupation humaine des montagnes portugaises", *Opúsculos Geográficos*, vol. VI - *Estudos Regionais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 239-254.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman (1987-1991) - *Geografia de Portugal*, vol. I a IV. Comentários e actualizações de Suzanne Daveau, Lisboa, Ed. João Sá da Costa.

RIU, Manuel (1995) - "Testimonios arqueológicos sobre poblamiento del valle del Duero", *Despoblación y colonización del valle del Duero, siglos VIII-XX* [IV Congreso de Estudios Medievales], Leon, Fundación Sánchez-Albornoz, pp. 83-102.

RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio (1995) - "Corpus de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante NW de la Península Ibérica", *Saxa Scripta (Inscripciones en roca)* [Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre epigrafía rupestre, Santiago de Compostela y Norte de Portugal, 1992] *Anejos de Larouco 2*, A Coruña, Edicions do Castro, pp. 117-253.

ROWLANDS, M. J. (1972) - "Defence: a factor in the organization of settlements". In UCLO, TRINGHAM, DIMBLEY (eds.) - *Man, settlement and urbanism*, pp. 447-462.

ROWLEY, Trevor (1994) - *Villages in the landscape*, London, Orion Books.

RUIZ RODRÍGUEZ, Arturo; MOLINOS, Manuel; CASTRO LÓPEZ, Marcelo (1991) - "Settlement and continuity in the territory of the Guadalquivir valley (6th century BC-1st century AD). In BARKER, Graeme; LLOYD, John (eds.) - *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*, London, pp. 29-36.



RUIZ ZAPATERO, Gonzalo; FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, Víctor M. (1993) – “Prospección de superficie, técnicas de muestreo y recogida de información”, *Inventarios y cartas arqueológicas* [Soria 1991], Valladolid, pp. 97-98.

SÁEZ, Emilio (1947) – “Ramiro II, rey de «Portugal» de 926 a 930”, *Revista Portuguesa de História* 3, pp. 271-290.

SALINAS DE FRÍAS, Manuel (1992-93) - “El poblamiento rural antiguo de la provincia de Salamanca: modelos e implicaciones históricas”, *Studia Historica – Historia Antigua* IV-V (1) [Actas de la mesa redonda internacional *El medio rural en Lusitania romana, formas de habitat y ocupación del suelo*], Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 177-188.

SANTOS, M.<sup>a</sup> José Ferreira dos; RODRIGUES, Sandra Raquel (1998) – “Subsídios histórico-arqueológicos para um inventário da freguesia de Pai Penela (Meda)” *Douro* 3 (5), Porto, pp. 238-250.

SANTOS, M.<sup>a</sup> José Ferreira dos; RODRIGUES, Sandra Raquel (1998) – “Subsídios histórico-arqueológicos para um inventário da freguesia de Pai penela (meda)”, *Douro* 3 (5), Porto, pp. 238-250.

SCHERMERHORN, L. J. G. (1980) – “Notícia explicativa da folha 14-C Castro Daire”, *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000*, Lisboa, Direcção-Geral de Geologia e Minas, Serviço Geológico de Portugal.

SERRA, Pedro Cunha (1967) – *Contribuição topo-antroponímica para o estudo do povoamento do noroeste peninsular*, Lisboa.

SERRA, Pedro Cunha (1986) – “Alguns aspectos da toponímia lamecense”, sep. *Anais* 31, 2<sup>a</sup> ser., Lisboa, p. 2-18.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1996) – “A cultura castreja no Norte de Portugal: integração no mundo romano”, *Los Finisterres Atlánticos en la Antigüedad, época prerromana y romana*, Madrid, Ayuntamiento de Gijón e Electa, pp. 49-55.

SIMMONS, Alan H. (1998) – “Exposed fragments, buried hippos: assessing surface archaeology”. In SULLIVAN III, Alan P. (ed.) – *Surface Archaeology*, Albuquerque, University of New Mexico Press, pp. 159-167.

SOUSA, Júlio Rocha (1997) - *Concelho de Vila Nova de Paiva*, Viseu.

TAVARES, António; Cunha, Donato de Almeida (1966) - “Orca do Seixinho”, *Arqueologia e História* 12, , 8<sup>a</sup> sér., Lisboa, pp. 125-136.

TEIXEIRA, C. *et al.* (1972) – “Notícia explicativa da folha 14-D Aguiar da Beira”, *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000*, Lisboa, Direcção-Geral de Geologia e Minas, Serviço Geológico de Portugal.

TEIXEIRA, C.; MEDEIRO, A. Cândido; FERNANDES, A. Peinador (1969) – “Notícia explicativa da folha 14-A Lamego”, *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000*, Lisboa, Direcção-Geral de Geologia e Minas, Serviço Geológico de Portugal.

TEIXEIRA, Carlos (1981) – *Geologia de Portugal. Vol. 1 – Precâmbrico, Paleozóico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

TEIXEIRA, Ricardo (1996) – *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, Porto. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

TEIXEIRA, Ricardo (1998) – “Elementos para o estudo da ocupação romana no Alto Douro: bacia hidrográfica dos rios Varosa e Balsemão”, *Douro* 3 (5), Porto, pp. 11-28.

TEIXEIRA, Ricardo (1999) – “Arqueologia dos espaços cistercienses no Vale do Douro”, *Cister no Vale do Douro*, Porto, GEHVID e Afrontamento, pp. 189-242.

URBINA MARTÍNEZ, Dionisio (1998) – “La segunda Edad del Hierro en la Mesa de Ocaña. Un estudio regional de Arqueología del paisaje”, *Arqueología Espacial – Arqueología del Paisaje* 19-20, Teruel, Instituto de Estudios Turolenses, pp. 135-151.

URBINA MARTÍNEZ, Dionisio (1998) – “La Segunda Edad del Hierro en la Mesa de Ocaña. Un estudio regional de Arqueología del Paisaje”, *Arqueología Espacial* 19-20 - *Arqueología del Paisaje*, Teruel, Instituto de Estudios Turolenses, pp. 135-151.

VALINHO, Alexandre; LOUREIRO, Sílvia (no prelo) – “O Castro de Vila Cova-à-Coelheira na Idade do ferro do Alto Paiva: resultados preliminares”, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto.

VALLAT, Jean-Pierre (1991) – “Survey, archaeology and rural history – a difficult but productive relationship”. In BARKER, Graeme; LLOYD, John (eds.) – *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*, London, pp. 1-9.

VASCONCELOS, J. Carvalho; FRANCO, J. do Amaral (1958) – “Esboço da Vegetação Natural Portuguesa”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 4-6, série 76, Lisboa, pp. 157-160

VASCONCELOS, Leite de (1897) – “Acquisições do Museu Ethnográfico Português”, *Archeologo Português* 3 (3-4), Lisboa, pp. 107-111.

VASCONCELOS, Leite de (1927) - *De terra em terra, excursões arqueológico-etnográficas*, Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 127-155.

VAZ, João Luís (1997) – *A Civitas de Viseu (Espaço e Sociedade)*, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro, 2 vols.

VAZ, João Luís Inês (1982) – “A ‘estrada do bispo Alves Martins’, velha estrada romana?”, *Beira Alta* 41(4), Viseu, pp. 783-793.

VAZ, João Luís Inês (1987) – *Roteiro Arqueológico do Concelho de Viseu*, Viseu, pp. 5-55.

VAZ, João Luís Inês (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Sátão*, Sátão, Câmara Municipal de Sátão.

VAZ, João Luís Inês (1993) – *A Civitas de Viseu (Espaço e Sociedade)*, Coimbra. Dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Texto policopiado.

VAZ, João Luís Inês (1996<sup>a</sup>) – “Algumas inscrições rupestres da *civitas* de Viseu”, *Saxa Scripta* [Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre epigrafia rupestre], La Coruña, pp. 279-295.

VAZ, João Luís Inês (1996<sup>b</sup>) – “Organização espacial castreja na *civitas* de Viseu”, *Máthesis* 5, Viseu, pp. 149-162.

WAHL, John (1997) – “Aspectos da mineração romana no território português”. In A.A.V.V – *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*, Lisboa, Museu nacional de Arqueologia, pp. 94-105.